



De volta a

Não importa quantas vezes você vai ao Teles Pires, ele sempre irá lhe surpreender com uma pescaria inesquecível

Texto: Francisco José Starling

PESCO DESDE 1990 E CONFESSO QUE SOU UM APAIXONADO PELO ESPORTE. JÁ PESQUEI PELO PAÍS INTEIRO, INCLUSIVE NA ARGENTINA, E ASSUMO QUE JÁ ME EXTASIEI PESCANDO MUITO PEIXE E ASSISTINDO AO PÔRDO-SOL NOS RIOS ARAGUAIA, XINGU, SÃO FRANCISCO, PARANAZÃO E TELES PIRES. Há dois anos, fiz minha primeira pescaria no rio Teles Pires, atraído pela fama de ser um dos rios mais piscosos do País; e não

me decepcionei! Pesquei minha primeira piraiíba no trecho denominado “Sete Quedas”, após ter buscado o “tubarão de água doce” pelos rios Xingu, Araguaia e Amazonas. Com esse feito realizei um sonho: o de ingressar no selete “Clube da Piraiíba”, um privilégio para poucos. Pois bem, em abril deste ano retornei ao Teles Pires e, para minha felicidade, também voltei a me confrontar com esse famoso peixe. Só que dessa vez, foram três encontros!



no paraíso

PONTO DE PARTIDA

Chegando em Alta Floresta (MT), no escritório da pousada Portal da Amazônia, fui informado que o rio Teles Pires ainda estava com o nível das águas alto, mas começando a baixar. Aumentava dia a dia a perspectiva de se fisgar os famosos "bagrões" (pirararas, jaús e piraíbas) e, apesar de não ser o período da "queda dos cajus" (quando os imensos tambaquis e pirapetingas/caranhas ficam concentrados embaixo dos cajueiros esperando pela queda das frutas), com algum esforço os "tambas" ainda podiam ser encontrados espalhados pelo rio.

Animado com as notícias, iniciei minha jornada épica a bordo de uma caminhonete 4X4 em meio à floresta amazônica. Primeiro de Alta Floresta a Paranaíta, e de lá, a pousada. Foram aproximadamente três horas e meia de viagem, por paisagens que variavam de pastos desmatados, com velhos "esqueletos" de Castanheira do Brasil, à travessia de pontes por rios cristalinos. A floresta fechada me fazia pensar como seriam aqueles cenários na pré-história, imaginando que a qualquer momento um dinossauro fosse emergir da folhagem densa ao lado da janela do carro.

Com a boa conversa do motorista da pousada, o tempo passou rápido. Chegamos por volta das 17h40, quando fui informado que meu guia de pesca seria o Naldo, um experiente profissional que eu já conhecia e que no correr da pescaria provou conhecer o rio como a palma de sua mão e os hábitos dos peixes como se conhece aqueles vizinhos em cidades pequenas do interior.

A PESCARIA

No dia seguinte, partimos para a "luta" e paramos inicialmente em uma ceva para tentar a pescaria do primeiro tambaqui. Antes de continuar a narrativa, cabe explicar que, como já foi dito, com o fim da safra de caju selvagem, os tambaquis e outros peixes espalham-se pelo rio e para tentar fixá-los em locais específicos, a



Pescando na ceva, foram cinco armaus seguidos, com pesos variando de 8 a 11kg

pousada utiliza-se de ceva - normalmente de grãos e farelo -, renovada diariamente. Por promover uma farta alimentação aos peixes, várias espécies passam a frequentar o local cevado, facilitando a vida do pescador.

Lançadas as iscas - compostas de bolotas da mesma ração da ceva acrescidas de farinha de trigo e água do local, até dar liga - foram cinco armaus seguidos, com pesos variando de 8 a 11kg, devidamente fotografados e soltos. Ainda pela manhã, tentamos

os peixes de couro, mas não obtivemos qualquer ação. Na parte da tarde, fomos a outra ceva, também com pouco êxito - somente corvinas de 3 a 4kg -, mas como a chuva começou a incomodar, voltamos mais cedo à pousada. No caminho, capturamos apenas um pequeno jaú de 9kg.

No segundo dia de pescaria, após um farto café da manhã, partimos para outra ceva. Chegamos em absoluto silêncio, pois nosso objetivo eram os tambaquis, verdadeiros "Hércules" do rio e muito sensíveis



nutos, com o peixe retirando quase 70m de linha na primeira arrancada, mesmo com o equipamento sendo pesado, me obrigando a soltar o barco e ir ao seu encalço. Em um segundo esforço para se livrar do anzol, o tambaqui tenta ir até um enroscado, mas cansando, foi a vez do equipamento bem regulado impedi-lo. Após mais duas tentativas de romper a linha no fundo do barco, aflora o peixe na superfície já pranchado e cansado. Embarcado após 20 minutos, estava em minhas mãos o primeiro tambaqui gigante do Teles Pires, com incríveis 27kg! Fotografado, tagueado e solto, o peixe vivo e forte seguiu para dar alegria a outros adeptos da pesca esportiva.

À tarde, nossas buscas aos peixes de couro foram interrompidas por fortes pancadas de chuva, que nos obrigaram a retornar mais cedo à pousada, pois relâmpagos e trovões surgiam a cada momento. Chegando ao porto, do barco lançamos duas varas pesadas, iscadas com pedaços de peixes, mesmo com as fortes pancadas de chuva que assolavam a noite.

No meio do jantar, o Naldo veio me avisar que algum peixe estava na isca. Quando desci ao porto, a vara já dava sinais claros que era peixe de bom tamanho, estava muito vergada e dificultou bastante a retirada do "secretário" do barco. Após

Chegamos em absoluto silêncio, pois nosso objetivo eram os tambaquís, verdadeiros "Hércules" do rio e muito sensíveis ao barulho, ariscos a tal ponto que uma só pancada no barco pode espantá-los do pesqueiro por horas

ao barulho, ariscos a tal ponto que uma só pancada no barco pode espantá-los do pesqueiro por horas. Lançamos as iscas de massa, em anzóis 12/0 com linha 0,92mm sem chumbada, e após meia hora de espera, o movimento da ponta de vara denunciou sua presença. Com muito cuidado retiro a vara da "espera" e aguardo a iniciativa do peixe, que quando abocanha a massa, sai em disparada, tomando linha como quer da carretilha, mesmo com a fricção bem fechada. Isso se estendeu por mi-

15 minutos de intensa briga, com muitas tomadas de linha, veio à tona a primeira piraíba da pescaria, um filhote com 1,15m e cerca de 20kg, que após fotografado e com as medidas anotadas, foi tagueado e solto. Com a alma "lavada e bem enxaguada", fui dormir, sonhando com muitos peixes e fisgadas, claro!

CABO DE GUERRA

No dia seguinte, descemos o rio rumo à cachoeira “Cabeça do Cachorro”, onde eu, o Naldo e o Serjão, motorista e cinegrafista da pousada, pretendíamos fisgar grandes peixes de couro. Para nossa decepção, foram poucas as ações e somente um candiru-açu foi capturado em todo o período da manhã. Contudo, as brincadeiras e a camaradagem dos integrantes do grupo, agraciadas pela paisagem e pelo contato com a natureza selvagem do local, não deixaram que o ânimo dos presentes amainasse.

Voltamos à pousada para o almoço e, ao embarcar para a pescaria da tarde, tive uma surpresa vendo o tamanho da vara de bambu que o Naldo me entregou, avisando: “a ação vai ser BRUTA”. Não sabia do que se tratava, mas só com este anúncio, a adrenalina já fluiu solta e me preparei para a luta.

Fomos direto à outra ceva, quando o guia me avisou que teríamos a experiência única de medir forças com um tambaqui,





[abaixo] Uma grossa vara de bambu quebrada ao meio, muito cansaço e um tambaqui de 16kg embarcado, foram o resultado dessa pescaria à moda antiga



A TRALHA

2 CONJUNTOS PESADOS

- Varas de 80lb e 120lb, feitas de fibra de vidro maciça, com aproximadamente 1,8m de comprimento. Carretilhas grandes, de perfil redondo, com cerca de 200m de linha monofilamento 0,92mm cada. Anzóis 12/0 e 14/0 para iscas naturais (visando pirararas, jaús e piraíbas).

3 CONJUNTOS MÉDIOS/PESADOS

(varas feitas de fibra de vidro com carbono e/ou grafite e carretilhas médias/pesadas, de perfil redondo. Anzóis 7/0, 08/0 e 10/0).

- Vara 30lb com carretilha Abu Garcia 6500 C3 (linha monofilamento 0,50mm).
- Vara 40lb com carretilha Penn 965 international (linha

multifilamento 50lb e líder fluorocarbono de 40lb).

- Vara 50lb com carretilha Abu Garcia 5600 (linha multifilamento 40lb e líder de mesma espessura).

1 CONJUNTO LEVE

- Vara de 17lb, com carretilha perfil baixo e linha multifilamento com líder de 20lb. Anzóis 5/0, eventualmente usados com iscas artificiais.

Preparamos também os TAGs, com os quais marcamos os maiores exemplares fisgados. Foram anotadas as medidas (comprimento e peso) e o horário de captura, para que posteriormente, quando forem embarcados novamente, a pousada possa acompanhar e documentar seus hábitos e crescimento.

sem qualquer recurso a não ser a flexibilidade de uma vara de bambu com 4,5m e dos 8m da linha 200 que a guarnecia.

Para me auxiliar no embate, somente uma boia, que me anunciaria a presença do peixe, para que eu não errasse a fisgada e não fosse surpreendido pela força do peixe, que poderia me arrancar das mãos o frágil equipamento, sem tempo de reação. Pois bem, após pouco mais de 15 minutos na ceva, em absoluto silêncio, eis que a boia se movimenta e afunda lentamente. Foi o começo da mais titânica batalha que já vivi! Mesmo segurando com ambas as mãos a vara de bambu, ela a todo momento queria fugir para o poço, parecendo ter vida própria no momento da fisgada. Seguramente dois terços do bambu vergaram na primeira corrida do peixe, e na segunda, ela se partiu em minhas mãos com um estrondo. Tive que “me virar” com a parte que me restou durante mais duas corridas, felizmente, com o peixe mais cansado. Ao fim do embate, ao longo de quase 20 minutos da briga, foi embarcado um tambaqui de 17kg!

Àquela altura, eu já me considerava “pescado” por aquele dia, diante das fortes emoções vividas e da grande descarga de adrenalina resultante da pesca com bambu. Mas mal sabia o que o destino me

reservava ainda para aquele dia. Após tagueado e solto o peixe, o guia me informou que deveríamos tentar o peixe de couro, pois quando se solta um peixe em ceva “fechada” (inundação de antigo buraco de garimpo, situada fora do caudal do rio), somente várias horas depois e em silêncio, é que os peixes espantados pelo barulho da briga retornam. Atendi prontamente a sugestão e fomos tentar os peixes de couro, com equipamentos pesados, iscas naturais (toletes de matrinhã e cachorra) e com chumbadas pesadas.

EM BUSCA DO TROFÉU

No ponto escolhido pelo Naldo, lançamos as iscas e ele conduziu o barco à margem, posicionando as linhas no canal do rio. Conversa rolando solta e olhos vigiando as pontas das varas armadas, quando um pequeno movimento em uma delas me fez retirá-la do suporte do barco. Mal tinha procedido tal movimento quando o peixe quis arrancá-la a força de minhas mãos! Reagi e fisguei com vontade. A partir daí, dentro do barco foi ação pura, com o Serjão recolhendo a linha e o guia soltando a corda da poita, pois o peixe rumava direto ao meio do rio, gerando a expectativa de ser uma piraíbal!

O peixe tomou linha como quis, desconhecendo o equipamento potente que eu tinha na mão. Após 20 minutos de briga, o bruto deixou de correr correnteza abaixo, como até então fizera, e iniciou uma briga de fundo, logo abaixo do barco, obrigando o guia a: hora acionar o motor em reverso, hora afastar o barco de lado, comigo na ponta da proa, desviando a vara de acordo com o movimento do peixe. Autêntico jogo de xadrez, onde um oponente tenta adivinhar o próximo passo que o outro fará para impedi-lo de ganhar a partida! Movimentos medidos e precisos, linha tensa e equipe concentrada, sabendo que um vacilo e o grande peixe escaparia. Trinta minutos de briga e o peixe apareceu pela primeira vez. Era ela, a esperada piraíba! Logo estava embarcada para a alegria de todos. Foi filmada, pesada (aproximadamente 35kg), medida (1,37m), tagueada e solta.

A comemoração só foi interrompida quando o Naldo perguntou se topávamos pescar mais perto da pousada, pois começava a anoitecer e se quiséssemos acertar o ponto das iscas no poço, era necessário chegar ao local ainda durante o dia. Topei imediatamente! Nos deslocamos até lá (cerca de 100m da pousada) e lançamos as linhas sob o olhar atento do guia.

Poucos minutos se passaram quando a comemoração pela piraíba fisgada pouco tempo antes foi interrompida pelo movimento da ponta de uma das varas, logo à minha esquerda, fazendo com que a retirasse da espera e fisgasse forte. No primeiro recolhimento, senti que o peixe não era tão grande e avisei o Naldo, que não soltou o barco, me deixando brigar com o peixe livremente com o barco poitado. Foram várias tomadas de linha, mas só à beira do barco vimos que se tratava de outra piraíba, a menor de todas, com apenas 1,05m e pouco mais de 12kg. Apenas uma criança, já que essa espécie pode alcançar (e quiçá ultrapassar) 200kg! Após os procedimentos de tagueamento, foi solta com vida e energia, para o júbilo de todos.



O peixe tomou linha como quis, desconhecendo o equipamento potente que eu tinha na mão

Neste ponto, achava que minha pescaria já estava feita, com as fortes emoções até então vividas: três piraíbas fisgadas, embarcadas e soltas, além da pesca do tambaqui com varejão de bambu. Engano meu, pois durante todos os demais dias de pescaria, o Teles Pires sempre me reservava surpresas.





[acima] Até um raro cuiú-cuiú de 11kg resolveu dar o "ar da graça" nessa pescaria. Encontrar esse curioso e esquisito peixe no Tele Pires foi inédito para nós



No dia seguinte, para manter o nível de adrenalina alto, o Naldo me propôs tentar a pescaria do tambaqui no equipamento "leve" (vara de 40lb, linha multifilamento de 50lb, líder de fluorocarbono de 40 libras, anzol 8/0 e pequeno empate de aço). Aceitei a "encrenca" como um desafio e, daí em diante, pescamos seis tambaquis com esse equipamento. Somente uma grande pirapetinga (caranha), com a vara pesada. É claro que desde o começo sabíamos que as maiores chances eram dos peixes, posto que sua força bruta poderia - com qualquer falha do equipamento ou do pescador - vencer a luta facilmente. Mas de que vale a vida sem fortes emoções? Ao todo foram 10 ações (entre tambaquis e perapetingas), onde seis peixes foram embarcados e quatro romperam a frágil linha. A menor

pirapetinga pesou 14kg e o maior, passou dos 24kg. O menor tambaqui pesou 17kg e o maior, 27kg. Um sucesso!

HAJA FÔLEGO!

Áio amigo pescador, que está lendo esta matéria, imagina que se exauriram as possibilidades de surpresas em uma pescaria com tantos peixes. Certo? Errado! Ainda foi pescado um cuiú-cuiú, que é uma espécie de armau com cabeça comprida, boca virada para baixo - como um aspirador de pó -, "bigodes" curtos e grossos, armadura óssea, grandes espinhas laterais e cheio de força física, com 1m de comprimento e 11kg, e um grande jundiá, que conseguiu fugir ao enroscar-se em tocos submersos.

Mas a maior surpresa ainda estava no fundo do Teles Pires, à minha espera.

Ao perceber o peso enorme do peixe na outra ponta da linha, só conseguia pensar: “estou no meio de uma pedreira e se o peixe entrar na loca das pedras, não vai sair mais e a linha vai romper”!

Aconteceu no penúltimo dia de pescaria, quando eu e Naldo resolvemos tentar peixes de couro logo abaixo da corredeira. Eram quase 11h30 quando chegamos ao local. Amarramos o barco e lançamos as iscas na água, abri uma água mineral e, com as varas nos “secretários” do barco, resolvi filmar a força das águas na corredeira que estava à frente, em um cenário grandioso da floresta amazônica.

Coloquei a garrafinha de água no chão, abri o estojo da máquina fotográfica e, quando me preparava para iniciar a filmagem, a ponta da vara pesada, com carretilha Abu Garcia 10000 Big Game e linha 0,92mm avisou a presença de peixe! Voltei a máquina rapidamente ao estojo e segurei a vara para retirá-la do secretário. Nesse momento ela criou vida e foi lentamente vergando pelo peso do oponente. Puxei a vara fisgando e confirmando a fisgada. Ao perceber o peso enorme do peixe na outra ponta da linha, só conseguia pensar: “estou no meio de uma pedreira e se o peixe entrar na loca das pedras, não vai sair mais e a linha vai romper”!

Assim, concentrado, iniciei um intenso trabalho com a vara, recolhendo linha e aplicando força e pressão no peixe, para não lhe dar a mínima chance de entrar entre as pedras do local. Sob os olhares temerosos



do Naldo (que sinceramente achava que o peixe naquele local levaria a melhor sobre mim), imprimir um vertiginoso trabalho de força muscular no recolhimento da linha até que, ao cabo de intermináveis minutos, o peixe boiou ao lado do barco. Um jaú enorme! O guia ao ver o peixe aflorando só conseguiu dizer: “olha o tamanho da criança”! O Naldo sozinho não conseguiu erguer o peixe e embarcá-lo. Foi necessário que, após sua imobilização pelos ferrões peitorais, eu o agarrasse pelo rabo e em conjunto o colocássemos dentro do barco.

Como já passava de meio dia, com o sol forte e o peixe exaurido, soltamos o barco e

fomos a um remanso próximo. Com sombra para os procedimentos, tagueamos e fotografamos o peixão! Seu peso foi superior à capacidade da balança que eu portava (Marine Sports, para até 50kg) e, segundo meu guia de pesca: “chutando por baixo, ele teria uns 60kg”. Seu comprimento foi de 1,66m, quase igual ao do pescador (1,70m).

Durante as fotos, várias garrafas de água foram utilizadas para manter o peixe refrescado naquele calor de selva equatorial. Durante sua soltura, o colocamos ao lado do barco no remanso por mais de 20 minutos, até que sozinho desse impulso com a cauda e fosse nadando calmamente



[acima] Com mais de 50kg de pura força bruta, a piraíba fechou a pescaria com chave de ouro



para o fundo.

Enfim, diante de uma pescaria como essa, como expressar minha gratidão ao rio, aos meus leais oponentes (os peixes) e aos meus anfitriões da pousada (proprietários e funcionários)? Como conseguir expressar minha gratidão a Deus por dias tão completos? Por pescaria tão gratificante? São perguntas que apesar de meus esforços, talvez nunca consiga responder a contento.

DILEMAS

Nós pescadores esportivos fazemos nossa parte, assim como a fazem os empresários locais do rio Teles Pires, com o

pesque-solte obrigatório e o total restabelecimento dos peixes antes da soltura. Mas muitas são as preocupações com a manutenção do local como um dos (senão o maior) pesqueiros mais produtivos do País. Isso porque, no afã de obter energia, usinas “brotam” por todos os rios ainda com potencial pesqueiro e incólumes à poluição e degradação do ambiente.

Os estudos de impacto ambiental são muitas vezes menosprezados, ante a justificativa de necessidade urgente de energia elétrica. Por melhores que sejam as medidas adotadas para atenuar o impacto ambiental na construção de barragens, será substancialmente alterada a vazão das águas, mudando também o comportamento dos peixes e dos animais da região.

Um fato inquestionável é: A EXTINÇÃO É PARA SEMPRE! Se nossas autoridades públicas deixarem que o lucro se sobreponha à saúde (das pessoas, dos rios, das matas, dos bichos etc.) e que o progresso seja mais importante que a vida, nosso apaixonante esporte/terapia, que prega a harmonia entre homem, flora e fauna, estará seriamente ameaçado. Possivelmente, a implantação das duas usinas hidrelétricas previstas para o rio Teles

Pires impedirá que nossos filhos e netos vivenciem pescarias maravilhosas como essa aqui descrita.

Em meio a protestos de ambientalistas, nos vem à mente um artigo constitucional que previa “TODO PODER EMANA DO POVO E EM SEU NOME DEVE SER EXERCIDO”. Até mesmo tal lei maior teve alterada sua redação (parágrafo único do art. 1º da Constituição Federal), retirando a vontade do POVO do objetivo precípuo da lei maior.

Esperamos sinceramente que a consciência das pessoas não se deixe embolar pela alteração textual da Constituição da República e que consigamos coexistir com progresso e respeito pela natureza, com a pesca, o lazer e a preservação ecológica. Por que não buscar uma forma de energia LIMPA - a eólica por exemplo - e gerar energia sem poluir e sem extinguir? Esperamos verdadeiramente que autoridades públicas e cidadãos possam conciliar in-

Os estudos de impacto ambiental são muitas vezes menosprezados, ante a justificativa de necessidade urgente de energia elétrica

teresses e fazer nascer uma ação consensual, que propicie a evolução social sem que para isso seja necessária a degradação ambiental, colocando em risco a massiva extinção de espécies e ambientes.

Devemos fazer a nossa parte, para que nosso ideal preservacionista - como pescadores esportivos que somos - possa ser conservado, não deixando que nossos rios se tornem uma nova “mata atlântica”, quase extinta em nome do progresso. Se isso for feito, certamente ao futuro estarão reservados desafios iguais ou maiores aos aqui descritos, com corações de pescadores se dando ao luxo de descompassar e transbordar de alegria com as emoções de nosso esporte. Pensem nisso. **MP**